



Recebido em: 02/
Aprovado em: 03/
Editor Respo.: Veleid
Bernard C
Método de Avaliação:
Blind
E-ISSN:198

DO QUE É FEITA UMA UNIVERSIDADE: A RAZÃO DE SER DOS NÚCLEOS DE PESQUISA E EXTENSÃO – NUPES

VENETIA DURANDO BRAGA RIOS
MÁRCIA SANTOS CERQUEIRA
MARIA CELESTE DE SOUZA CASTRO

EIXO: 6. ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

RESUMO: Este artigo tem por objetivo discutir a universidade e o que se produz no espaço acadêmico dos Núcleos Pesquisa e Extensão - NUPES, apontando a importância dessa ação para a compreensão dos processos sociais e públicos desse órgão institucional. Tendo como objeto de estudo a Universidade do Estado da Bahia – UNEB e seu caráter multicampi o texto se constituiu a partir de reflexões e experiência prática das autoras frente a Pró-Reitoria de Extensão – PROEX ação integrada com as demais pró-reitorias acadêmicas e coordenações dos NUPES da referida instituição. Consideramos que esses espaços, que nascem dentro das universidades a partir das experiências de extensão e das pesquisas desenvolvidas nos cursos, nas salas de aulas, nos debates acadêmicos, se constituem espaços integrantes da instituição universitária com identidade e sentido que sua importância requer.

PALAVRAS-CHAVE: Núcleos de Pesquisa e Extensão; Pró-Reitoria de Extensão; Universidade do Estado da Bahia.

ABSTRACT: This article aims to discuss the university and what is produced in the academic space of the Research and Extension Nucleus – REN, pointing out the importance of this action for understanding the social and public processes in the institutional body. Having as object of study the State University of Bahia – UNEB and its multicampi nature, the text constituted from reflections and practical experience of the authors before Pro-Rectorate of Extension – PROEX, through integrated action with other academic Pro-rectories and RESN coordination of the this institution. We believe that spaces, which are born within the universities from the experiences of extension and research developed in classrooms and in academic debates, constitute integral spaces of the university institution with identity and sense that importance requires.

KEY WORDS: Research and Extension Nucleus; Pro-Rectorate of Extension; State University of Bahia.

Desde o seu sentido de corporação, na idade média, até os nossos dias, quando ostentam um conceito muito amplo de qualidade de suas produções e de seus produtos.

Discutir a universidade, compreender os processos sociais e públicos que se fundamentam na sua dimensão sócio histórica um trabalho que precisa ser feito de forma permanente e renovada. De acordo com Dias Sobrinho (2000), é preciso assinalar a pluralidade das funções da universidade numa rede de significações históricas, ambíguas e contraditórias. Esse é o espaço onde se constroem suas configurações através de relações sociais e ideológicas. Acrescenta ainda a necessidade de compreendê-la através do sentido plural “universidades”, indicando as suas diferenças e diversidades, porque o cotidiano das universidades é feito de processos de diferenciação e de convergências.

Organizadas sob o conhecimento dos mestres de ofício e de artes, amparadas pelo poder da igreja e pelo conhecimento

teológico, juntamente com as disciplinas de Artes, Direito Canônico, Direito Romano, as universidades reivindicam, e sempre, o lugar de excelência da produção do conhecimento, componente reconhecido como essencial para a sustentação do poder. Entendam-se Artes, como as artes de ofício. O saber dos mestres, dos construtores, dos arquitetos, dos escultores enfim, todo um conhecimento que tinha nas tendas, e nos ateliês seu espaço de construção e disseminação através dos mestres e de seus discípulos. Esse grupo de saberes deveria conduzir ao conhecimento da medicina, do direito e da teologia. De lá para cá, muitos séculos nos contemplam! Muitas foram as transformações porque essas instituições passaram a se configurar e se afirmarem como lugar por excelência de formação profissional, isto é, profissionais das artes “liberais”. Bem, essa expressão - liberais - necessitaria de mais outro artigo para sua melhor compreensão. Aqui basta que seja compreendida dentro daquilo que se convencionou como saberes e artes dos homens livres. Ficamos por aqui.

Desse tempo fundador até os nossos dias, de nossa realidade cotidiana, as Universidades necessitam amparar-se em muitas outras agências, institutos, organismos e políticas para que possam desenvolver suas tarefas acadêmicas. O ensino com pesquisa e com a extensão. O “com” entre elas (ensino, pesquisa, extensão) é a confirmação de nossa crença na impossibilidade de compreender uma sem a outra, de compreender a razão de ser de uma sem a outra, de justificar uma a outra! O que se produz no espaço acadêmico que distancia que prescindir da pesquisa e da extensão. Penso que poder responder! Nada. Paoli (1990, p.31) utilizou a expressão ensino com pesquisa para traduzir sua forma de pensar a relação ensino-pesquisa “[...] não se trata apenas de introduzir inovações no nível de conteúdo da disciplina, mas também disseminar atitudes científicas, ou seja, predisposições para conhecer de forma inteligente e não apenas repetitiva”.

Ainda não avançamos nessa discussão. Existe grande dificuldade em romper com essa hierarquia.

Dessa forma, a organização acadêmica foi, ao longo do tempo, construindo espaços, lugares onde se podiam concentrar saberes específicos de cada área, experiências muito próprias de cada um, onde fosse possível realizar análises e experimentos, investigações muito próprias de seus mestres. A multiplicação das áreas de conhecimento nas Universidades e as especialidades das ciências, resultado ainda, da classificação dos saberes vividos no século XIX, os sucessos obtidos em biologia, na química, na física, na matemática... fizeram florescer os gabinetes, suas pesquisas. Era preciso conquistar espaços.

Embora seja possível recuar até ao Renascimento e ao século XVII e encontrar o desenvolvimento, por vezes obsessivo, de uma intensa actividade de classificação das ciências fundamentalmente no século XIX que a classificação das ciências se constitui como actividade própria da filosofia das ciências. Em resposta ao fenómeno da constituição de novos ramos fundamentais do conhecimento científico (a Biologia e as primeiras ciências humanas, a Sociologia e a Psicologia) e, como que pretendendo antecipar a vertiginosa especialização e evitar dificuldades que, previsivelmente, ela vai colocar à actividade de classificação das ciências a filosofia da ciência assumiu como sua tarefa principal a questão da relação entre as várias ciências. A classificação das ciências é então actividade filosófica autónoma, determinada por razões teóricas, especulativas, de conquista de uma mais rica compreensão das relações entre os saberes, ou visando efeitos normativos sobre as ciências da época. (POMBO, 2017, p.3)

Dentro dessa ótica, perseguindo essa compreensão, os centros, núcleos e laboratórios são hoje o lugar privilegiado do acadêmico, isto é, onde se realiza de fato a pesquisa com a extensão, que congregam, reúnem e tornam acessíveis ao consumo os resultados obtidos nas atividades de pesquisa. Essa relação indissociável entre a pesquisa e a extensão é que assegura a plena realização do fazer acadêmico, da vida *universitas*. Impossível fazer a universidade sem esses espaços uma vez que a própria política de fomento dos Estados privilegia a atividade de pesquisa que se desenvolve dentro desta perspectiva acadêmica, isto é, aquela que acolhe o jovem pesquisador na sua formação. Esses são, de certa forma, a reinvenção dos ateliês dos mestres.

Paralelo a esses, ainda seria preciso considerar outros tantos equipamentos como: as bibliotecas, os arquivos, os centros de documentação ou de memória e os museus. Caminhando por outras vertentes, esses, se movimentam em direção a outras formas de realizar pesquisas. As bibliotecas, em sua milenar história, tem a sua acumulação sempre garantida por compra ou doação ou permuta. Os arquivos de forma inversa tem sua origem na passagem natural. A documentação gerada e produzida no âmbito da gestão obedece, nas idades, corrente, intermediária e permanente, a tempos burocráticos, o respeito e

garante que se guardem a relação orgânica entre os documentos. Princípio fundamental da ciência dos arquivos.

Lugar privilegiado para a pesquisa histórica, fruto dessa passagem natural ou pelo recolhimento, os *arquivos permanentes* permitem a intensa e incansável busca pelos vestígios do passado, naquilo que esses documentos, frutos de escoll resultado do que o tempo não consumiu, podem oferecer à investigação dos pesquisadores; genealogistas, biógrafos memorialistas e da literatura, entre tantos outros.

Os museus, esses lugares privilegiados das coleções, guardam, por livre escolha, acervos bi e tridimensionais adquiridos compra, doação ou permuta. Também neles a pesquisa é ferramenta inserida na lógica e prática do científico/acadêmico, como guarda o sistema universitário, após reforma Universitária de 1968. Os museus, dentro estrutura universitária, são mais um equipamento, uma ferramenta que proporciona o ensino a pesquisa/extensão. lugares de investigação e de fruição.

Já os centros de documentação ou de memória ou, ainda, os institutos, guardam outras singularidades que as Universidades contemporâneas não podem abrir mão.

Como nos adverte Nora (1993, p.13) “Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar el fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais”

Nora, esta falando da proliferação desses lugares de memória, num tempo em que eles eram inaugurados em profuso esforço de preservação da memória, onde tudo era importante como relíquia do passado, cada documento, cada foto e cada vestígio era tomado como *documento monumento*. [1]

Esses lugares nascem dentro das universidades a partir das experiências de extensão e da pesquisa desenvolvidos cursos, nas salas de aulas, nos debates acadêmicos e na possibilidade de constituírem acervos. Os centros de documentação ou de memória podem, pelas características que lhes identificam como tal, nascer de uma temática, de objeto específico desenvolvido por pesquisadores ou estudiosos em tal tema. Como nos lembra Yara Aun Koury,

Além de desenvolver seus próprios projetos, procura integrar seus esforços aos de outro curso. Prestando-lhes serviço e sendo depositários de acervos e referências por eles produzidos. São espaços de memória e instrumentos significativos de apoio àqueles que procuram penetrar em atalhos tão pouco perscrutados da realidade social. (1991. p. 14)

Órgãos integrantes da instituição universitária, normalmente vinculados às vice-reitorias constituem-se, preferencialmente por professores das áreas das humanidades. Prestam apoio informativo à pesquisa social, realiza projetos e extensão universitária e devem estar ligados aos currículos e às linhas de pesquisa dos diversos cursos.

Dentro das universidades, isso é comum, os centros de memória adotam alguns temas que são emblemáticos na sua região na sua cidade ou no seu estado. Muitos, à exemplo do Arquivo Edgard Lauenroth, na Unicamp, o Centro de Documentação Casemiro dos Reis Filho na PUC/São Paulo, o Instituto de Estudos Brasileiros na USP, Centro de Estudos Baianos da UFBA e tantos outros. Todos, ferramentas acadêmicas promotoras de desenvolvimento do ensino, da pesquisa/extensão.

Esses lugares nascem dentro das universidades a partir das experiências de extensão e da pesquisa desenvolvidos cursos, nas salas de aulas, nos debates acadêmicos e na possibilidade de constituírem acervos. Os centros de documentação ou de memória podem, pelas características que lhes identificam como tal, nascer de uma temática, de objeto específico desenvolvido por pesquisadores ou estudiosos em tal tema. Como nos lembra Yara Aun Koury,

Além de desenvolver seus próprios projetos, procura integrar seus esforços aos de outro curso. Prestando-lhes serviço e sendo depositários de acervos e referências por eles produzidos. São espaços de memória e instrumentos significativos de apoio àqueles que procuram penetrar em atalhos tão pouco perscrutados da realidade social. (1991. p. 14)

Órgãos integrantes da instituição universitária, normalmente vinculados às vice-reitorias constituem-se, preferencialmente por professores das áreas das humanidades. Prestam apoio informativo à pesquisa social, realiza projetos e extensão universitária e devem estar ligados aos currículos e às linhas de pesquisa dos diversos cursos.

Dentro das universidades, isso é comum, os centros de memória adotam alguns temas que são emblemáticos na sua região na sua cidade ou no seu estado. Muitos, à exemplo do Arquivo Edgard Lauenroth, na Unicamp, o Centro de Documentação Casemiro dos Reis Filho na PUC/São Paulo, o Instituto de Estudos Brasileiros na USP, Centro de Estudos Baianos da UFBA e tantos outros. Todos, ferramentas acadêmicas promotoras de desenvolvimento do ensino, da pesquisa/extensão.

Na UNEB, os núcleos de pesquisa e extensão (NUPES), foram pensados dentro de outras demandas e assumem características e competências.

OS NÚCLEOS DE PESQUISA EM UNIVERSIDADE MULTICAMPI _ A EXPERIÊNCIA DA UNEB

Uma boa ideia precisa de uma boa gestão. O exame dessa consideração indica possibilidades de delineamento de elementos relativos ao modelo de gestão que penetre,

[...] em seus significados escondidos, em seus programas e desenhos de ação, em suas finalidades e compromissos, em seu clima e em sua disposição geral, nas relações hierárquicas de trabalho e de poder, nos seus princípios e em sua cultura, nas contradições e conflitos, em seus consensos relativos, históricos e provisórios e em sua mentalidade geral comum, constitutiva da comunidade acadêmica e científica. (Dias Sobrinho, 2000, p.77).

Para enfrentar esse desafio as instituições de ensino superior devem reconhecer como prioridade a transformação e aperfeiçoamento de sua gestão, visando essencialmente: ao desenvolvimento e implementação de estruturas flexíveis que garantam a adaptação prospectiva às mudanças; ao desenvolvimento e implementação de mecanismos de reconhecimento de sua identidade e propriedade social que assegurem o manejo dos processos de mudança e sua vinculação com a comunidade e com a promoção da excelência institucional. Aqui ressaltamos a importância da gestão do conhecimento em contexto acadêmico.

Segundo Sousa e Santos (2012),

O processo de gestão do conhecimento se estabelece a partir da disponibilidade para apreensão considerando as ligações sociais identitárias de integração, além do discernimento entre múltiplos heterogêneos, no entanto autônomos e emancipados nas mais diferentes razões, as quais podem ser ligadas para possibilitar a criação de um sentido, mesmo a partir do conjunto heterogêneo. (p.293).

A gestão do conhecimento, no geral, assim como em contexto acadêmico, deve ser entendida e relacionada à natureza do conhecimento, epistemologia, socialização e disseminação do conhecimento, numa ação do coletivo envolvido na instituição. Sendo identificado como um processo articulado e intencional, se constitui sobre diferentes dimensões, de caráter interdisciplinar. Assim, como definir uma Universidade multicampi sem deixar escapar na definição o que ela tem de novo. Isto é, a multicampia, vista muitas vezes apenas por seu conceito geoespacial.

A imagem de uma Bahia alcançada em todas as suas regiões e territórios pela Universidade é, de fato, um grande esforço de todos que por ela passaram. Entretanto, o que não se vê, de forma nítida, é como se constrói essa engrenagem. Como se produz o conhecimento, como se faz a formação profissional, como, com o que, nos apresentamos à sociedade. Em vários passos, essas experiências acadêmicas se dão em alguns lugares já consagrados. Na sala de aula, nos laboratórios e, nos espaços de poder. O que se tem agora são novos lugares a serem consagrados dentro do ambiente acadêmico. Laboratórios, nos moldes assépticos, controlados e restritos já não respondem aos questionamentos *pós-modernos*. Est aqui usando esse conceito apenas como uma expressão que indica um tempo após a modernidade. Isto é, não carregando nele nenhuma das discussões teóricas que proliferam nos textos. Não por rebeldia, mas apenas em razão de ser ele, um conceito em busca de seu significado.

A Universidade do Estado da Bahia – UNEB. uma Instituição autárquica de regime especial. de ensino. pesquisa e extensão.

está organizada sob o modelo *multicampi* e multirregional, é composta por 29 (vinte e nove) Departamentos situados e (vinte e quatro) municípios, e está presente em 19 (dezenove) dos 27 (vinte e sete) territórios de identidade da Bahia. Multicampia a reponsabilidade institucional é ampliada e complexa. Garantir qualidade no oferecimento dos cursos, com o aperfeiçoamento e, desenvolvimento social e científico de 19 territórios de identidade, de importantes regiões ba traz em si um modelo que definido e organizado pelo Regimento Geral da Instituição é complexo em suas formas organização, em suas responsabilidades institucionais, na identidade de cada órgão e no papel desenvolvido pelos su que o compõem.

O que se faz e o que se tem feito para aproximar os departamentos, seus cursos, projetos e ações da gestão acadê Como acolher a demanda de projetos, de atividades de pesquisa e de extensão nos campi, muitas vezes com distância exigem o avião Como não deixar escorrer entre os dedos ideias e iniciativas de grande impacto na região, no território ameaça da burocracia, pelo atropelo da distância e do tempo Dentro do modelo de multicampia que desenvolvemos, Departamento é a reprodução em miniatura- nem sempre- da Universidade. A proximidade com a gestão, não é po negar, facilita que se possa dirimir dúvidas, que se consultem instâncias com mais rapidez e com respostas mais comp Dessa realidade, pincelada aqui de forma rápida, podemos compreender a dificuldade em promover, acolher e fomer extensão com a pesquisa nesta vasta UNEB.

Ainda será preciso uma reflexão acerca da pesquisa que fazemos. O que se entende como pesquisa! O que pesquisar, que pesquisar, para fazer o que com os resultados dessa pesquisa Questões metodológicas comuns. Questões cruciais.

Também, é preciso refletir sobre as exigências do mercado, como elas vêm transformando o espaço acadêmic competitividade coloca a pesquisa como um elemento estratégico na produção do novo, da inovação. Aliás, essa expres hoje a que mais tem atraído o olhar das agências de fomento. Ainda que pouco se saiba sobre essa “inovação”. Na c pelo novo perdeu-se de vista a essência da prática da pesquisa. Ela deve favorecer, deve ser o caminho para uma postura de enfrentamento e de compreensão das questões que a sociedade e o mundo vivem. Seu trabalho deve voltado para a busca de soluções que possam trazer benefícios e melhoria na qualidade de vida das pessoas, dos su históricos. O distanciamento dessas questões fundamentais faz com que, no mundo acadêmico, proliferem os grup pesquisa de forma isolada, competindo entre si pelo maior número de artigos e trabalhos, cuja única relevância apreser muitas vezes, é o *Qualis* da revista. Não tem a menor importância que o seu conteúdo seja estéril. Não importa q avanços obtidos nunca saiam daquelas páginas. O *qualis* é a meta.

As nossas universidades, embora se deva reconhecer a existência de grandes e importantes ilhas de excelência, aqui ainda carecem de muitos anos e muita luta para dizer que temos a pesquisa consolidada em nossa academia. As (porque passam alguns dos nossos melhores centros, nas nossas melhores instituições universitárias não são aper resultado da falta de investimento financeiro ou, da falta de incentivo ao trabalho. São, muitas vezes, fruto dos equív cometidos na concepção de nossas universidades, ou nos encaminhamentos de nossas ações enquanto espaço de proc do conhecimento. A pesquisa ainda esta cercada por uma espessa camada de incompreensão e de mitos. Os r acadêmicos ficaram por tanto tempo inexpugnáveis que se consolidou junto aos cidadãos, aos homens e mulheres a c de que ela, a pesquisa, era algo relegado aos gênios, aos superdotados, aos que podiam sustentar o título de cientistas.

Dessa forma, mesmo estando na graduação, dentro da universidade, muitos de nossos alunos ainda se veem fora (círculo. O que é pior! A graduação ficou por muito tempo longe da pesquisa! Fora dessa experiência! Inaugurou-se uma i equivocada de pensar os níveis acadêmicos como se a graduação e a extensão fossem o lugar do professor incompe Aquele não afeito ao trabalho mais intelectual, mais destacado. O de pesquisador!! A negativa de um doutor em atu graduação é a confissão assinada do equívoco cultivado por muitos anos de que tudo deve ser estratificado em r sociedade. Na academia, por vezes, esquecemos de que sem a graduação nada tem significado! Nenhum doutc mestrado ou pós-doutoramento faz sentido se ele não tiver ressonância, efeito, e se não tiver ações efetivas na gradu De outra forma, reconhecemos a perda do sentido da Universidade.

No âmbito das multicampi, essas ações de pesquisa, o apoio, o acompanhamento, as políticas necessitam poder conta estruturas que ofereçam esse acompanhamento, encurtando o caminho entre os projetos, as ações e o govern universidade, bem como entre as agências de fomento (estaduais e federais).

Na Estrutura Organizacional da Universidade do Estado da Bahia, o Departamento é o órgão executivo da administ setorial “[...] pertencente à estrutura universitária, responsável pelo planejamento, execução, avaliação das ativic didático-científica e administrativa, gozando de autonomia nos limites de sua competência”. (UNEB, 2013. p. 40), e o N

de Pesquisa e Extensão (NUPE), assim como os Colegiados dos Cursos e o Conselho Departamental, são ó deliberativos da administração setorial. Considerando que cada Departamento tem um Núcleo de Pesquisa e Extensão UNEB, temos vinte e nove NUPES, que devem integrar docentes, técnicos e analistas universitários, além de discente ações dessa natureza.

Considerando nossa crença no ensino com a pesquisa e com a extensão, abrimos um parêntese para abordar o papel Colegiados dos Cursos nesse processo, como potencial articulador desse tripé. Os Colegiados são responsáveis pela coordenação didático-pedagógica dos cursos de graduação, sequenciais, dos programas de pós-graduação lato sensu (UNEB, 2013; p. 125). Suas competências estão estabelecidas no Regimento Geral da UNEB, porém, e como o acompanhamento das questões envolvendo discentes e docentes apontam entraves e desafios que permeiam a vivência acadêmica e que precisam ser discutidas institucionalmente. Botomé (1996) adverte que a falta de respostas a questões estruturantes e significativas da dinâmica educacional traz o risco de “estar contribuindo para a já preocupante descaracterização Institucional” (p.160). Importante considerar que na atuação frente à gestão acadêmica dos currículos as ações devem ser orientadas sempre em busca de alcançar objetivos contidos no Projeto Pedagógico Institucional (PP) Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) e no Projeto Pedagógico do Curso (PPC), instrumentos básicos da gestão universitária que orientam a atuação dos órgãos definidos na estrutura institucional. Isso não podemos perder de vista!

Os NUPES da UNEB têm por finalidade [...] incentivar, estruturar, coordenar, sistematizar e divulgar as atividades técnicas didáticas e científicas, nas áreas de ensino, pesquisa, extensão (UNEB, 2013; p.129). Reconhecemos que, na prática a atuação fica centrada em ações burocráticas de acompanhamento e gerenciamento das ações de pesquisa e extensão e precisa ser redimensionado! A multicampia além da estrutura geoespacial traz em si diversas realidades oriundas do entorno onde o departamento está situado. De maneira geral espera-se que neste órgão as ações de pesquisa e extensão sejam planejadas, discutidas e operacionalizadas e numa perspectiva de que estas atendam ao princípio da educação superior conforme previsto no Artigo 207 da Constituição Federal de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9394/96). Para tanto, elegemos algumas reflexões fomentadas nos NUPES, como: Qual a relação adequada entre a coordenação do NUPE e Colegiados e entre este e as Pró-Reitorias Como tem se constituído as proposições, acompanhar e avaliação dos projetos de pesquisa e extensão Como potencializar a captação de recursos via editais E mais, como articular o ensino com a pesquisa e com a extensão no âmbito administrativo e acadêmico. Esses e outros questionamentos circundam o espaço acadêmico.

Os questionamentos acima revelam a busca de identidade e sentido para as ações do órgão e foram apresentadas no Fórum dos NUPES, no VIII Seminário de Pesquisa, Pós Graduação e Inovação, realizadas em 2014, no Departamento de Ciências Humanas – Campus V, em Santo Antônio de Jesus; questões que ainda permeiam a trajetória da construção da pesquisa e da extensão acadêmica e o que se pretende enquanto política institucional.

A falta de uma norma que possibilite institucionalizar essas ações de maneira harmoniosa e igualitária promove, por vezes, descompassos nas ações demandadas; ou seja, trabalha-se muito e às vezes, longe dos NUPES. Diversas discussões materializaram a partir do I Fórum e resultaram no texto da “Minuta do Regimento Geral dos Núcleos de Pesquisa e Extensão da UNEB” produzido a partir de reuniões e discussões com a comunidade acadêmica, Pró-Reitoria de Extensão da UNEB em ação conjunta com a Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação - PPG, a Pró-Reitoria de Ensino de Graduação PROGRAD, além dos NUPES dos departamentos. No texto da minuta, que se configura síntese da implementação dos objetivos da formação universitária, a estrutura organizacional, atribuições, competências, registro, acompanhamento e avaliação das atividades de pesquisa e extensão buscam catalisar apoio técnico, programas, projetos e ações de pesquisa e extensão universitária. O texto encontra-se em tramitação junto ao Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão CONSEPE, da UNEB, na data de julho de 2017.

Historicamente cada NUPE trabalha à sua maneira. As ações de pesquisa e de extensão, oriundas das Pró-Reitorias, mesmo aquelas nascidas nos departamentos, não obedecem a uma metodologia acadêmica. Não se redigem documentos e relatórios que possam alimentar, de forma fidedigna, os bancos de informações sobre a pesquisa e a extensão que existem dentro da universidade! As informações sobre os encaminhamentos e resultados obtidos não chegam de forma satisfatória aos órgãos ou às gerências, para que estas possam ter o perfil real dessas ações. Por outro lado, o tratamento das informações, a atualização delas, o trabalho produzido a partir dos dados coletados, a quantificação dessas ações e o conhecimento acerca do perfil dos envolvidos, seu número e tantos outros dados informativos, ficam restritos ao Sistema Integrado de Planejamento da UNEB – SIP. Impossibilitando a elaboração de qualquer ferramenta institucional que, de fato, demonstre o perfil da pesquisa e da extensão na UNEB.

O SIP, apesar de possuir um módulo de planejamento de projetos, atividades e ações e outro módulo de acompanhar físico onde são alocados, inclusive os relatórios, contando também com manuais e documentos institucionais para aux preenchimento, ainda se constitui ferramenta pouco fidedigna do que a instituição efetivamente produz em termos de pro programas e ações de pesquisa e de extensão, bem como e, principalmente, os produtos gerados por essas ações e pi atendido. Avaliamos que isso se deva à falta do efetivo acompanhamento das atividades desenvolvidas nos departamen que, a nosso ver, possa ser articulado pelos NUPES. Quando o projeto, o programa ou a ação é fomentado por edit realidade fica mais exposta pela exigência do cumprimento de normas e elaboração de relatório. Mas essas ações representam a totalidade das ações e do conhecimento que é produzido na e pela universidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O QUE DISSEMOS

É preciso datar esse momento dentro da historicidade que o país vive. Estamos atravessando a tormenta, um período de política sem tamanho e a ressaca nos aguardam. Um processo de impeachment, o impeachment e o pós-impeachme ordem do dia é salvaguardar as instituições democráticas, fortalece-las. Não se pense que uma discussão acadêmica sc conceito de pesquisa, da atuação extensionista e do ensino podem ser tratadas na ausência do discurso político. Fazer reformulação em qualquer dos organismos acadêmicos nesse momento é enfrentar campo pantanoso, difícil e perigoso. é inocente, nada está a salvo!

Ainda assim, fizemos. Provocamos essa discussão entre os NUPES, mergulhados nos desafios da curricularizaçê extensão. O descompasso entre as funções que se espera desse Núcleo e as condições que eles têm é uma realidade nos debruçamos. Refletimos sua presença nos departamentos, a capacidade que eles têm em disseminar as inform: relativas às políticas de pesquisa, de extensão e de ensino e a possibilidade real em fazer a ponte de mão dupla er governo da universidade e os departamentos.

Um amplo debate vem sendo convocado pela Pró-Reitoria de Extensão, com a participação efetiva das demais Pró-Rei Acadêmicas e coordenações dos Nupes. A discussão sobre o conceito, estrutura organizacional, atribuições, competêr além do registro, acompanhamento e avaliação das atividades de pesquisa e extensão é pauta antiga, longa e complexa.

À forma maneirista que vinham atuando será preciso buscar, de forma conjunta e refletida, um novo conceito para os nú de pesquisa e extensão. Levar em consideração as experiências acumuladas, o saber amparado no fazer, mas, sem dei dar a eles um tratamento acadêmico, reconhecer sua importância e conferir responsabilidades próprias.

REFERÊNCIAS

BOTOMÉ, Silvio P. **Pesquisa Alienada e Ensino Alienante**: o equívoco da extensão universitária. Petrópolis, RJ: V 1996.

DIAS SOBRINHO, José. **Avaliação da Educação Superior**. Petrópolis, RJ: vozes, 2000.

Jacques LE GOFF. **Documento monumento**. História e Memória. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996

KHOURY, Yara Aun. A coleção memória, documento e pesquisa. In: **Guia de pesquisa Igreja e movimentos sociais** Paulo: Comp-Arte: PUC/CEDIC, 1991.

NORA Pierre. **Entre memória e história**. A problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo. (10) dez. 1993.

PAOLI, N.J. **O Princípio da Indissociabilidade do Ensino e da Pesquisa:** elementos para uma discussão. *Estud. debates*, Brasília, n.17, 1990.

POMBO, Olga. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes.** Disponível <http://cfcul.fc.ul.pt/textos/OP%20-%20Da%20Classificacao%20dos%20Seres%20a%20Classificacao%20dos%20Sabere>
Acesso em 06 de março de 2017.

SOUZA, Leliana; SANTOS, Luis Carlos . **Veredas da Gestão do Conhecimento.** Salvador: EDUNEB, 2012.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. **Ações Normativas:** Estatuto e Regimento Geral. Salvador: EDUNEB, 2013.

[1] A expressão documento monumento além de ser o título de um texto emblemático de Jacques Le Goff, também trabalhada por ele quando constrói o percurso do verbete documento. Nesse caso a expressão está carregada pela crença que o documento é monumento porque resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária e involuntariamente – determinada imagem de si próprias.